

## ADORNO: CONEXÕES BENJAMINIANAS ACERCA DA HISTÓRIA E DA IDEOLOGIA

Pedro Rogério Sousa da Silva<sup>1</sup>

### Resumo:

Abordam-se neste escrito as convergências e as divergências entre Adorno e Benjamin, buscando, sobretudo, a influência do segundo autor sobre o primeiro. O intuito é mostrar as contribuições de Adorno, com base nessa influência, acerca da história e da ideologia, bem como sua trajetória histórica e filosófica.

**Palavras-chave:** Adorno. Benjamin. História. Ideologia.

## ADORNO: DES CONNEXIONS BENJAMINIENNES SUR L'HISTOIRE ET L'IDÉOLOGIE

### Résumé:

Ce texte aborde les convergences et les divergences entre Adorno et Benjamin, en cherchant, avant tout, l'influence du second auteur sur le premier. L'objectif est de montrer les contributions d'Adorno, selon cette influence, à propos de l'histoire et de l'idéologie, ainsi que sa trajectoire historique et philosophique.

**Mots-clés:** Adorno. Benjamin. Histoire. Idéologie.

112

Os textos de Benjamin, como se sabe, influenciaram Adorno<sup>2</sup>. De acordo com Arendt (1987), a influência foi tanta ao ponto de dizer que o primeiro autor teve no segundo seu único e exclusivo discípulo. Isso, por um lado, pode esclarecer por que no início da carreira de Adorno, quando tinha 20 anos, 11 anos mais moço do que Benjamin, ele tenha se colocado numa condição inferior, isto é, em uma perspectiva que implicava a influência de Benjamin sobre Adorno. O autor juvenil deixou-se influenciar ou encontrou no pensador de mais experiência talvez dois encaminhamentos, o filosófico e a escrita ensaística.

A propósito, ressaltamos que a influência mencionada fez com que Adorno citasse Benjamin, de modo direto e indireto, em diversos trabalhos, como, por exemplo, num pequeno texto, de 1931, intitulado *A atualidade da Filosofia*. Esse texto foi escrito em virtude de Adorno ter sido aprovado para o cargo de professor de Filosofia da

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>2</sup> Segundo Arendt (1987), Adorno e Gershom Gerhard Scholem foram responsáveis pela edição das obras póstumas e das cartas de Benjamin.

Universidade de Frankfurt para apresentá-lo em sua aula inaugural, quando tinha 28 anos. A citação do artigo a *Atualidade da Filosofia* pode ser associada à carta de 10 de novembro de 1938 de Adorno a Benjamin, em que o primeiro tece fortes críticas ao ensaio *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*, do segundo autor, sugerindo-lhe reformulá-lo para que desse modo fosse possível publicá-lo na *Revista do Instituto de Pesquisa Social*.

A correspondência que se estendeu de 1928 a 1940 atesta admiração recíproca, respeito intelectual e apoio de Adorno às dificuldades materiais do exílio de Benjamin a partir de 1933. Nesse sentido, as considerações de Giorgio Agamben sobre a correspondência de Benjamin e Adorno, desfavoráveis a Adorno, são por demais restritivas ao atribuir a este um “marxismo ortodoxo” que o incapacitava a alcançar o nível de originalidade de Benjamin. Também Bruno Tackels acusa Adorno de “paralisar” o ensaio sobre a “A obra de arte”. (MATOS, 2012, p. 17-18).

Ainda sob esse ângulo de análise, Matos (2012), com substrato em Enzo Traverso, observa, acerca da correspondência supracitada, que Adorno, durante as cartas, analisa os escritos de Benjamin atentamente. Adorno é um observador de grande refinamento, pois como músico sempre esteve atento aos detalhes, ouvindo e admirando tudo a que aspirava em matéria de qualidade. Era uma espécie de trato fino para com as coisas,

a ponto de impor-se a seus olhos como um crítico privilegiado e de certo modo insubstituível, mas certamente não como um inspirador. O paradoxo reside no fato de que [...] [Adorno] adota [a postura] do mediador indispensável; por momentos, de maneira indireta, a do amigo mecenas, e por vezes até mesmo a mais detestável, a do censor. (MATOS, 2012, p. 18).

Sobre a chegada da correspondência entre Benjamin e Adorno aos Estados Unidos, exprimimos que ela aparece desprovida ou talvez neutra em relação aos autores citados. Em certa medida, porque Susan Buck-Morss (2011), no livro *Origem da dialética negativa*, observa que a familiaridade de Adorno para com os escritos benjaminianos é respeitosa. Olgária Matos (2012), com amparo em Mencke, nos fala que existem apropriações de Adorno com forte apreço aos escritos benjaminianos. Por outro lado, diferentemente de muitos autores e críticos da Escola de Frankfurt, que sempre colocaram Benjamin no patamar superior, percebemos também empréstimos ou inspirações de Adorno sobre o trabalho de Benjamin.

Como se sabe, no entanto, a influência de Benjamin foi maior. Por isso, vale a pena citarmos, como exemplo, outra marca benjaminiana sobre Adorno, qual seja, a da Filosofia da História. Benjamin, em suas *Teses sobre o conceito de História*, tece considerações acerca da resistência e da emancipação dos que passaram e dos que ainda transitam por forte dominação, discriminação e opressão social, como os escravos, os índios, os judeus, os camponeses, os moradores das favelas e dos morros de inúmeras cidades brasileiras e do mundo.

Cronologicamente, nos afastamos um pouco do trabalho de Adorno para fazermos breves considerações acerca da vida e do trabalho teórico de Benjamin, como também indicar sua contribuição para com os escritos de Adorno. Assim, apontamos que Walter Benedix Schönflies Benjamin nasceu em Berlim, em 15 de julho de 1892, filho de Emil Benjamin e de Paula Schönflies Benjamin, banqueiros, antiquários e comerciantes judeus. Sobre sua infância, destacamos que Walter Benjamin “teve uma infância em grande parte abastada. Foi sempre um menino franzino e enfermizo” (ARRIADA, 2003, p. 198). Muito cedo se dedicou à Filosofia, Literatura e Teologia Judaica. Em 1914, passou a frequentar as Universidades de Berlim e de Freiburg. Estudou Filosofia, Literatura e Psicologia. No ano seguinte, conheceu Gershom Scholem, com quem iniciou uma amizade significativa, como também recebeu dele influência, sobretudo das questões judaicas. Em 1917, casou-se com Dora Pollak e mudou-se para a cidade de Berna. Após dois anos, doutorou-se em Filosofia, com o tema *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. Em 1925, apresentou-se ao filósofo Hans Cornelius, candidatou-se ao cargo de professor na Universidade de Frankfurt, mas não conseguiu aprovação. Esse mesmo filósofo, ademais, três anos depois, reprovou também Adorno, pois não aceitou o tema *O conceito de inconsciente na teoria transcendental da mente*. No final dos anos de 1930, Benjamin iniciou seu texto *O trabalho das passagens (Das Passagen-werk)* e divorciou-se de Dora.

No começo da década sucessora, Adorno e Benjamin tomaram rumos geográficos opostos. O primeiro exilou-se inicialmente na Inglaterra, onde ficou durante cinco anos. Acabou, porém, saindo de solo inglês em razão do seu insucesso profissional, pois permanecera apenas como um estudante avançado. Por esse motivo, deslocou-se para os Estados Unidos, onde conseguiu certo êxito em sua carreira, ou melhor, logrou produzir alguns trabalhos acadêmicos e arranjou um emprego como

crítico musical numa rádio estadunidense. Já o segundo autor deixou Berlim e se exilou em Paris e entrou oficialmente para o Instituto de Pesquisa Social.

Ainda sob esse mesmo ângulo, afirmamos que, apesar da distância, os filósofos continuaram próximos. Isso porque “Pouco antes de partir para os Estados Unidos, em 1938, Adorno visita – com Gretel, recentemente esposada – Benjamin em San Remo. Foi a última vez em que se viram” (PUCCI, 2000, p. 56). Segundo os especialistas do Instituto de Pesquisa Social, o clima entre os amigos alemães foi cordial. Nesse encontro, o último entre eles, Adorno comentou para Benjamin sua pesquisa acerca da composição musical de Wagner, vindo a afirmar que o músico simpatizava com a ideologia nazista.

Ressaltamos, por essa via, que o último conflito entre Adorno e Benjamin ocorreu em virtude do ensaio *Sobre alguns motivos em Baudelaire*. No momento em que Adorno se encontrava em solo estadunidense, ao lado de Horkheimer, escrevendo ensaios, dos quais surgiram *Dialética do Esclarecimento* e *Temas básicos de Sociologia*, Adorno estava sob o suporte do Instituto de Pesquisa Social, que também migrara da Europa para os Estados Unidos. No que tange ao texto acerca de Baudelaire, dizemos que o trabalho “Seria publicado pela revista do Instituto e era aguardado ansiosamente. A primeira versão do ensaio, recebida no final de 1938, foi duramente criticada por Adorno, com anuência de Horkheimer” (PUCCI, 2000, p. 56).

O escrito de Benjamin foi interpretado por Adorno como algo que colocava a imagem poética ao lado da história objetiva, mesmo que apenas de maneira parcial. Tal imagem se constituía como uma montagem imagética, que anexava inúmeras posições, ideológicas ou não, o que supostamente podia ser aproximado de uma “Película cinematográfica” (PUCCI, 2000, p. 56-57). Essa crítica de Adorno deixou Benjamin desgostoso. Esse último teve que refazer seu texto. No mês de julho de 1939, Benjamin refez seu trabalho e enviou uma nova versão para a revista do Instituto de Pesquisa Social.

A versão refeita por Benjamin deixou Adorno e Horkheimer contentes. Isso porque os escritos benjaminianos carregavam elementos significativos, quais sejam, o materialismo e a dialética. Benjamin, desse modo, conseguiu aprovação de seus colegas avaliadores e publicou seu ensaio *Sobre alguns motivos em Baudelaire*, na *Revista do Instituto de Pesquisa Social*. Foi com origem nesse trabalho que Benjamin se aproximou de Horkheimer. Na época, esse último era diretor de tal Instituto e ficou

sabendo da dificuldade financeira de Benjamin. Aquele, por conseguinte, concedeu uma bolsa para que este pudesse se manter e continuar escrevendo seus ensaios.

Indiretamente, através dos ensaios escritos por Benjamin e detidamente analisados por Horkheimer, os dois pensadores se encontraram mais, em termos de admiração, respeito e interesses comuns. Horkheimer visitou Benjamin em Paris, em 1937, e o sentiu (segundo informação sua em carta a Adorno, em agosto desse mesmo ano) ‘mais perto de nós’. Horkheimer, além do mais, participou das tensões entre Benjamin e Adorno, leu todos os textos, as críticas de Adorno, e ficou teoricamente ao lado deste. Mas a amizade e o interesse em ter por longo tempo Benjamin como um dos colaboradores do Instituto lhe fizeram sustentar sua bolsa de pesquisa, conseguir, apesar das dificuldades, o visto de visitante nos Estados Unidos e lhe enviar passagem para que viesse o mais rápido possível (PUCCI, 2000, p. 56-57).

Benjamin, por outro lado, insistiu em permanecer em Paris, pois estava escrevendo o ensaio *Sobre as passagens*. Nesse momento, Benjamin recebeu outras propostas de migração, inclusive do Brasil. Como consequência, ele poderia ser professor em uma universidade estrangeira, ou, quem sabe, poderia lecionar na Universidade de São Paulo (USP). Sobre essa possibilidade, o filósofo franco-brasileiro Michel Löwy (2005, p. 9) destaca:

Walter Benjamin, professor de literatura alemã na Universidade de São Paulo? Quase! Numa carta a Benjamin, datada de 23 de setembro de 1935, o eminente historiador da cultura, Erich Auerbach, referia-se à possibilidade de um contrato com a USP. Este documento foi descoberto alguns anos atrás pelo pesquisador Karlheinz Barck, nos arquivos de Benjamin conservados na Academia de Artes da República Democrática Alemã. Escreve Auerbach: “Há pelo menos, um ano, soube que estavam procurando um professor para ensinar literatura alemã em São Paulo; logo pensei no senhor e, na época [...], mandei seu endereço (dinamarquês) para as instâncias competentes – mas a coisa não deu em nada” Que pena! Por culpa de alguma instância competente, a USP perdeu a oportunidade de incluir no seu corpo docente.

Ressaltamos, por fim, que, em 1940, com a tomada do poder pelos nazistas, iniciou-se um momento de extrema violência na Europa e de perseguição aos judeus. Por conseguinte, Benjamin, com o apoio de Adorno, conseguiu visto para os Estados Unidos, deixou Paris, fugindo pela fronteira da Espanha. Ele, assim, se uniu a um grupo de pessoas, cuja meta era chegar em *Port-Bou*, limite entre França e Espanha. Benjamin, porém, não conseguiu transpor a fronteira rumo aos Estados Unidos, tendo em vista que seu direito de ultrapassar lhe foi negado. Com isso, ficara deprimido. Além disso, estava muito cansado por causa do percurso, embora o trajeto não fosse tão longo. Para um homem de saúde frágil e melancólico, porém, tudo isso era uma enorme

viagem. Assim, na noite de 25 de setembro de 1940, cometeu suicídio: envenenou-se com morfina.

Arendt (1987), de modo poético, acentua em seu livro *Homens em tempos sombrios* – mais especificamente no capítulo *Walter Benjamin*, subcapítulo *O Corcunda* – que o suicídio mencionado foi fruto de vários sintomas. Inicialmente, a Gestapo, a polícia secreta do Estado alemão nazista, estava à sua procura. Ela invadiu sua residência em Paris e lhe retirou inúmeros livros de sua biblioteca. Benjamin, entretanto, conseguiu retirar de seu país um número razoável de livros, acerca dos quais os críticos falam que eram os mais significativos, como também alguns apontamentos, ensaios e manuscritos de sua autoria.

A propósito, a filósofa tedesca argumenta que Benjamin continuou preocupado, pois os livros retirados “Através dos bons serviços de George Bataille, tinham sido guardados na biblioteca Nacional, antes da fuga deste de Paris para Lourdes na França não ocupada” (ARENDR, 1987, p. 184). Esses livros foram quase todos encontrados e entregues a Adorno, como quis Benjamin, para que ficassem em sua biblioteca.

Referente aos livros encontrados na biblioteca de Paris, destacamos, com base em Arendt (1987), o *Trabalho das Passagens*, de Benjamin, haja vista que o texto é caracterizado, pelos críticos da Escola de Frankfurt, como uma produção textual que não chegou a ser concluída. O escrito retrocitado é também repleto de curiosidade e estória, como anota Rolf Tiedemann<sup>3</sup>: no momento em que Adorno fez considerações inéditas acerca do livro no início dos anos de 1950. O texto, entretanto, só veio a ser publicado na Alemanha, por Tiedemann, em 1982, e somente foi traduzido no Brasil em 2006.

Sobre o *Trabalho das Passagens*, lembramos, com esteio em Arendt (1987), que esse foi o principal motivo para que Benjamin permanecesse em Paris. Foi a razão a fazer com que o filósofo resistisse em não sair imediatamente de solo francês rumo aos Estados Unidos. Ele, ademais, somente saiu numa situação extrema, quando as tropas

---

<sup>3</sup> Rolf Tiedemann, “herdeiro da Escola de Frankfurt”, é considerado por muitos críticos como discípulo de Theodor Adorno. Tiedemann publicou boa parte dos textos e ensaios desse pensador, como *Dialética do Esclarecimento*, *Dialética Negativa*, *Jargão da autenticidade*, como também *Teoria Estética*, que contou com a colaboração de Gretel-Adorno, esposa de seu mestre.

nazistas ocuparam a referida cidade. Outra razão para que Benjamin permanecesse em Paris é contada por Arendt, de modo singular, em seu livro supracitado, por meio de justificativas complexas. Sobre elas, perguntamos: seria possível ele viver sem seus livros? Ou, ainda:

[...] como poderia ganhar a vida sem a imensa coleção de citações e excertos em seus manuscritos? Além do mais, nada o atraía para os Estados Unidos, onde, como costumava dizer, as pessoas provavelmente não achariam nenhuma outra utilidade para ele a não ser carregá-lo para cima e para baixo, através do país, exibindo-o como o “último europeu” [...] (ARENDR, 1987, p. 184).

Assim, independentemente da justificativa pela qual Benjamin permaneceu em Paris, lembramos que ele tinha concluído um belo texto que nos interessa – *Sobre o conceito de história*, um conjunto de 18 teses. Nesse texto encontramos elementos da dialética no diálogo entre a Teologia – sobretudo, a judaica – com o materialismo histórico. Benjamin, nesse escrito, afirma que é necessário escovar a história a contrapelo. Ele mostra a história sob o ângulo dos derrotados, de modo contrário à historiografia oficial do progresso e do poder – político, econômico e cultural – vigente.

Sobre esse modo de interpretar a história, Benjamin argumenta que esse pode ser definido como ideológico, historicista e fetichista, cuja identificação implica uma sucessão linear dos grandes feitos históricos. Ele acentua ainda que a história, sobretudo da cultura, é deslocada da realidade e de suas questões. Por via de seu método anti-historicista, encontramos um momento importante, que é o de destruição histórica. A finalidade, nesse método, é demolir a versão histórica universal, como também refutar o instrumento épico, para que se possa chegar a um distanciamento para com os vencedores.

Com suporte em Benjamin, Michel Löwy acentua que a expressão “vencedores” não diz respeito aos combates, às lutas e às guerras ordinárias. Ao contrário, se refere às lutas de classes, em que uma delas, a dominante, na maioria das vezes, teve superioridade, sobre os proletários. Essa superioridade ocorreu ao longo da história, provavelmente, após o “*Spartacus*, o gladiador rebelde, até a *Spartakusbund* (Liga dos Espartaquista) de Rosa Luxemburgo, e desde o Império romano até o *Tertium Imperium* hitlerista” (LÖWY, 2014, p. 21).

Ressaltamos, por esses termos, que a Filosofia da História de Benjamin se fundamenta em três vertentes: romantismo alemão, messianismo judaico e marxismo

histórico. Aqui, continuamos a nos deter apenas acerca da terceira, pois essa está sendo explicitada neste estudo. Assim, a interpretação benjaminiana acerca do marxismo não ocorre pela via vulgar evolucionista e positivista de um “socialismo científico”, que encontramos no fulcro das ideais comunistas. Benjamin compreende a proposta do materialismo histórico numa ruptura, em que se põe fim ao conformismo e à transformação naturalizada – entendida como fruto do progresso, via economia e ciência. Ele, por fim, refuta a linearidade da história e da cultura.

O materialismo histórico de Benjamin, segundo Löwy (2014, p. 22), observa atentamente a ideia de progresso, como também fica atento para aquilo que se chamam de “os pretensos *tesouros culturais*”. Isso porque esses tesouros se resumem naquilo que restou dos mortais, a saber, do que foi provocado pelos vencedores. É uma espécie de procissão triunfal, um despojo ideológico dos poderosos sobre os oprimidos, que visa a validar-se e reproduzir-se ao longo da história.

O elemento triunfal, em suma, implica uma representação de alegoria barroca, daquilo que encontramos no auge dos reis e dos imperadores. Em certos casos, podemos até percebê-los acompanhados de presos e de arcas com os mais belos tipos de joias. Chamam-se isso, conforme Benjamin, ilustrações alegóricas “Como a *facies hipocrática* da história” (LÖWY, 2014, p. 22). O cortejo abordado aparece nas *Teses sobre o conceito de história* de Benjamin, mais especificamente na Tese VII, que oferece ao espírito outras “imagens dialéticas”, como, por exemplo, o destino do povo judeu. Mostra a encarnação de dois milênios de tal povo e apresenta o auge do Arco de Tito em Roma. Os cortejos mostram a glória dos romanos, que vitoriosos “Desfilam exibindo seus espólios, o menorá judaico e o castiçal de sete hastes, tesouros pilhados do Templo de Jerusalém” (LÖWY, 2014, p. 22).

No que tange às *Teses sobre o conceito de História*, ressaltamos que Adorno só recebeu a cópia desse escrito após a morte de Benjamin, em 1941. Esse trabalho foi publicado com o título *Sobre o conceito de história*, na *Revista do Instituto de Pesquisa Social*, no ano seguinte, por Adorno e Horkheimer. Como consequência, os editores há pouco mencionados e também parceiros de trabalhos filosóficos se influenciam pelo texto benjaminiano, em especial, Adorno – que expressará nos seus trabalhos o elemento crítico de uma teologia invertida ou negativa, que o acompanhará nos textos: *Dialética do esclarecimento*, *Minima moralia*, *Notas de literatura*, *Dialética*

*negativa e Teoria estética*. Referente aos escritos, citaremos, neste contexto, apenas dois – *Minima moralia* e *Dialética do esclarecimento*.

Em relação a *Minima moralia*, observamos que Adorno escreveu 153 aforismos de 1944 a 1947 e publicou em 1951. Ele, assim como Benjamin, assinala que o conceito de história ultrapassa a versão oficial. Isso porque a história, para ambos os autores, pode ser interpretada pela ótica dos derrotados, ou melhor, dos oprimidos e vencidos historicamente. A história do conhecimento, para Adorno (1992), precisa retomar urgentemente o que ficou à margem de seu percurso, o que restou de seus elementos nebulosos, que vieram a se distanciar da dialética.

Esse trabalho refuta a ideologia do progresso, sobretudo a da ciência, compreendendo que ela é responsável como um dos sinais da autodegradação da racionalidade iluminista, da transformação do pensamento crítico em raciocínio instrumental e/ou utilitarista. O axioma primordial do texto é, assim, segundo Ricardo Musse (2011), o próprio momento que Adorno vivia, o de expatriado. Adorno migrou primeiramente para a Inglaterra, onde permaneceu por cerca de cinco anos, por não ter conseguido êxito em seu trabalho acadêmico – ou melhor, por ter sido apenas um estudante avançado na Universidade de Oxford – e pela ascensão e perseguição do poder nazista aos judeus, migra para os Estados Unidos. Em solo estadunidense, permanece por um tempo mais extenso e consegue resultados mais significativos para a sua vida profissional, como um emprego numa rádio como crítico de música e se torna assessor musical de Thomas Mann – quando este estava elaborando seu livro *Doutor Fausto (Doktor Faustus)*. Ele, além disso, elabora a *Minima moralia*, a *Dialética do esclarecimento* (em parceria com Horkheimer) e *Personalidade autoritária* (em parceria com psicólogos sociais estadunidenses).

Apesar disso, Adorno, segundo Ricardo Musse, não se identifica com o *american way of life*:

Em parte por conta de uma recusa meditada à integração, assentada em um ideal que associa à condição de intelectual o comportamento crítico e o não conformismo. Ele procurou conservar sua independência recusando-se a obedecer, inclusive, às regras do mundo acadêmico norte-americano, segundo ele inteiramente submisso à exigência de aplicação das leis econômicas a produtos científicos e literários (2011, p. 170).

Nesse isolamento, Adorno analisa o declínio do ser humano, como, por exemplo, o intelectual, que sob as regras do sistema capitalista passa a perder a

sensibilidade estética, a autonomia e o pensamento crítico, passando a se identificar com o fetiche da técnica, da cultura, com o *show business*, com a concorrência, com o consumo exacerbado, com a pseudoindividação e com a padronização de tal sistema.

Com referência à *Dialética do esclarecimento*, Adorno – em parceria com Horkheimer – nos fala que os vencidos são marcados por um limite, o de serem compreendidos como impotentes. Para a ideologia do *status quo*, os derrotados são considerados insignificantes e marginais. Assim, “o que transcende a sociedade dominante não é só a potencialidade desenvolvida por ela, mas também aquilo que não se enquadrou nas leis do movimento da história” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 133).

A produção dessa dialética ocorreu quando Adorno e Horkheimer estavam exilados. O foco central é mostrar o elemento ambivalente da razão moderna, isso nos três capítulos: O conceito de esclarecimento, a indústria cultural e os elementos do antissemitismo – como também nas notas e esboços. No primeiro capítulo, ressaltamos que a ideia de ambivalência aparece com maior ênfase, porque nela ocorrerá uma ação contra o esclarecimento do positivismo, que é visto como autoaniquilação da racionalidade. É um descortinamento da ideologia da história como progresso. É uma oposição ao pressuposto da razão moderna que, desde o Iluminismo, por exemplo, veio a se transformar numa segunda natureza da sociedade burguesa.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 19), na sua visão mais ampla, a ideologia do progresso afirmava que “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição dos senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.” O esclarecimento, entretanto, quando tentou constituir uma ordem social racionalizada e emancipadora, ideia burguesa do século XVIII, com base na ciência, passou a ser um meio fortíssimo de estabelecer a barbárie, o poderio humano sobre seu semelhante, como também do homem sobre a natureza.

Para os autores, a ideologia da razão se tornou absoluta. Ela possibilitou o elo entre racionalidade e barbárie, como também provocou um desenvolvimento tecnológico a serviço da classe dominante – classe essa que possui os meios de produção, o capital, e goza de regalias assentadas no suor da classe trabalhadora. Com isso, a razão se limita e se transforma em um novo mito, uma contradição que nos faz refletir acerca da seguinte questão: “[...] porque a humanidade, em vez de entrar em um

estado verdadeiramente civilizado, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

A resposta disso é encontrada de modo profundo na trajetória intelectual de Adorno. Esse percurso compreende a pesquisa do autor – nos textos de Música, Filosofia e Sociologia, como também nas entrevistas radiofônicas acerca da Educação. Sua análise contém elementos da vida social, do materialismo, da subjetividade, das contradições da razão, entre outros, que já apareciam desde os escritos de juventude, como na sua tese de habilitação *Kierkegaard: construção do estético*, de 1933, e no ensaio *Fetichismo da Música e a regressão da audição*, de 1938. É, entretanto, na *Dialética do esclarecimento*, em 1947 – e nos textos posteriores, como *Minima moralia* (1950), *Dialética negativa* (1966) e *Teoria estética* (1970) – que encontraremos uma investigação mais contundente sobre a apatia e o estado de declínio que o ser humano vive.

O que Adorno nos mostra, portanto, é uma análise acerca das contradições da racionalidade. É uma crítica da razão que se instrumentaliza, é um modo pelo qual se mostra apenas como meio para conseguir fins. Os objetivos desses fins

[...] são reconhecidos como racionais exatamente porque se submetem à mensuração, à quantificação e à dominação pelo cálculo. Tendo em mente o diagnóstico luckasiano da transformação da forma-mercadoria em princípio geral da objetividade na vida social sob o império do capitalismo. (SAFATLE, 2013, p. 2).

122

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia**. São Paulo: Ática, 1992.

ARENDT, Hannah. Walter Benjamin. In: ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 133-176.

ARRIADA, Eduardo. Uma história dos sem nomes: a visão de história em Walter Benjamin. **História da Educação**, Pelotas, v. 7, n.14, p. 195-209, 2003.

BUCK-MORSS, Susan. **Origen de la dialéctica negativa**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses sobre o conceito de história**. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p.112-123
--------------------------	-------	-------	--------------------	-----------

LÖWY, Michael. “**A contrapelo**”: a concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf>. Acesso em: 20. dez. 2014.

MATOS, Olgária. Apresentação à edição brasileira Walter Benjamin e Theodor Adorno: o estupor da facticidade à meia-noite do século. *In: ADORNO, Theodor; BENJAMIN, Walter. Correspondências, 1928-1940*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. p. 15-46.

MUSSE, Ricardo. Experiência individual e objetividade em *Minima Moralia*. **Tempo Social**, São Paulo, v. 23, p. 169-177, 2011.

PUCCI, Bruno. Walter Benjamin confidente de Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento. **Comunicações**, Piracicaba, v. 7, n. 2, p. 55-69, 2000.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução à experiência intelectual de Theodor Adorno (Aula 4)**. São Paulo, 2013. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5913182/Curso\\_Integral\\_Theodor\\_Adorno\\_Dial%C3%A9tica\\_do\\_Esclarecimento\\_e\\_Filosofia\\_da\\_nova\\_m%C3%BAsica\\_2013\\_](http://www.academia.edu/5913182/Curso_Integral_Theodor_Adorno_Dial%C3%A9tica_do_Esclarecimento_e_Filosofia_da_nova_m%C3%BAsica_2013_)>. Acesso em: 10 nov. 2014.